

## Por entre os sussurros

Alexandre Dias Ramos

E então a pessoa entra devagar, como se estivesse entrando num lugar diferente do mundo real, olha para os lados, para cima e para baixo, vê o conjunto do espaço, vê que há uma série de obras e escolhe começar por algum lugar. Tem também aquele texto enorme na parede, que se deve decidir por parar e ler (por muito tempo) ou pular e deixar para depois. Então, antes mesmo de poder olhar com calma a primeira obra, um velho conhecido se aproxima, há cumprimentos, "Como você está?", "Como está bonita a exposição", "Cheguei agora", "Bom vê-lo". Duas ou três pessoas acenam mais adiante, você dá uma olhadela no primeiro trabalho, vai para o segundo, "Branco ou tinto, senhor?", "Tinto", é preciso atravessar a sala para cumprimentar um artista, outro, e um conhecido dele, "Como você está?"...

Dentre as tantas coisas que se faz na ida a um *vernissage*, conversar é, sem dúvida, a prática mais frequente; uma ação social absolutamente prevista em um espaço preparado para receber as obras e seu público, melhor dizendo, devidamente preparado para que essa ritualização aconteça. A exposição de arte parece ser o assunto principal, o mote para que seja possível reunir os convidados para a inauguração da mostra, que algumas vezes é bem menos importante (ou bem menos interessante) do que a oportunidade de rever os amigos, apresentar e ser apresentado a pessoas que compartilham o gosto pela arte. O passeio pelo espaço expositivo inclui a apreciação das obras mas também das pessoas que estão ali para prestigiá-las. Quando a exposição é boa, o evento é duplamente prazeroso.

Entre as pessoas que não se conhecem, percebe-se um certo ar deslocado ou *blasé*, um distanciamento e uma certa desconsideração que faz com que, isoladamente, cada pessoa circule no espaço expositivo com certa autonomia. Para aqueles que se conhecem, é uma ocasião para travar uma boa conversa, mostrar o quanto se sabe sobre

arte – num comentário pontual, num sussurro seguro sobre alguém ou em displicentes impressões que acabam por afirmar ("naturalmente") sua posição no campo. "Vi uma tela dessa série na casa de um amigo", "Esse trabalho lembra um pouco o de Manzone na década de 1960". São raras as oportunidades que se tem de encontrar reunida uma boa quantidade de pessoas ligadas ao mundo da arte, onde se pode falar descontraidamente, comendo alguma coisa, tomando vinho, sorrindo bastante e, em meio a tudo isso, alinhar contatos e negócios para um momento futuro.

Para o artista, é o momento em que pode finalmente ver o público observando sua produção, é quando, de alguma maneira, o trabalho se dá, e por isso é uma situação de grande alegria – a experiência de expor e se expor. Para o galerista (ou diretor da instituição), é também um momento importante em que ele pode, além de "rever" seu acervo, avaliar como as pessoas o avaliam, observar como o seu próprio trabalho (como curador, por exemplo) está sendo recebido – se deu certo, se funcionou após meses de pesquisa e produção. Para o público, é um momento de lazer, de poder ter uma experiência significativa com a arte.

Devemos nos dar conta de que os *vernissages* contêm determinadas características comuns entre si, no modo como os convidados se comportam, se cumprimentam, como são servidos ou observam as obras; tudo faz parte de um *modus operandi* cujas regras foram cultivadas ao longo dos anos, no próprio convívio com o campo das artes. O *vernissage* se apresenta como um lugar privilegiado de encontro que celebra um conjunto de valores, objetivos e ações que nem sempre são revelados a olho nu. Em grande parte das vezes, o interesse no dia da inauguração volta-se para uma série de fatores (aparentemente) exteriores à exposição – do vestuário ao currículo Lattes dos convidados – que se soma a outra série de elementos invisíveis, diretamente relacionados às movimentações no campo, ao capital social construído dentro e fora das salas de exposição. Porém, não dá para dizer que todo visitante tem, na verdade, interesses escusos, e que não está realmente interessado nas obras, seria injusto – temos de levar em consideração que as pessoas estão ali por uma vontade legítima e sincera de compartilhar um momento agradável juntas –; o que quero dizer é que é preciso prestar atenção a um conjunto maior de forças que podem estar em jogo num evento dessa natureza.

A conversa entre os convivas exige uma boa dose de flexibilidade intelectual, não apenas dos conteúdos envolvidos na conceituação das obras expostas, dos aspectos técnicos e da trajetória do artista, mas principalmente das coisas mais triviais; deve-se saber falar às pessoas sobre aquilo que as interessa, levar o diálogo sempre num tom ameno, compartilhando sempre do ponto de vista do outro – sem necessariamente adotá-lo. E, mesmo no caso de uma contrariedade, é preciso amenizar, relativizar o tema, fazer desvios retóricos... e deixar uma discussão acalorada para um outro momento. A boa conversa de *vernissage* conduz a nos colocarmos no lugar do outro, de nos interessarmos pelas suas ocupações, suas opiniões, de acompanharmos seus raciocínios no intuito de compartilhar aquele momento agradável juntos. A situação não permite constrangimentos. Valorizam-se a amistosidade e a elegância, sendo, portanto, muito importante o papel da etiqueta como precondição necessária para uma sociabilidade generalizada. Sem grandes intimidades, o convidado elegante é reservado, bem-educado com todos, mantém uma certa distância entre os corpos e o cuidado com a postura e com os movimentos, demonstrando, acima de tudo, o domínio de si. A fala é, na medida do possível, mais lenta, no tempo necessário para escolher bem as palavras, articulá-las em tom baixo e da melhor maneira, evitando gírias, palavrões e, conseqüentemente, gafes. Os comentários mais bem pensados podem ganhar um melhor peso.

É de vital importância o comentário discreto, o sussurro por entre os assuntos mais gerais, [...] as opiniões mais particulares que não devem, por maledicência ou por respeito, sair do círculo que se forma em cada canto. [...] Falando assim parece uma espécie de jogo de intrigas, mas estou na verdade falando de impressões soltas, de interjeições amigáveis que aparecem das interações sociais enquanto a exposição acontece. Ao percorrerem o espaço, as pessoas comentam sobre o que estão vendo, sobre as obras e sobre outras pessoas presentes (colegas, amigos ou desconhecidos), divagam a respeito de um ou outro “causo” relacionado ao artista, traçam relações com outros artistas e outros trabalhos, numa construção múltipla de informações. Um comentário pode levar os acompanhantes para outro ponto da sala, à outra obra e a novas interpretações (ou confabulações) que fazem do evento algo muito diferente do que seria a visita num dia sem a festa. “No dia do *vernissage* não se vê nada; quem vai não está interessado em artes

plásticas, está interessado em comer e beber e fazer um social”, “A diferença mesmo é que vai muita gente e daí a pessoa não pode apreciar todos os trabalhos”, dizem alguns; “Vou ao *vernissage* porque vejo a exposição e aproveito para rever os amigos”, dizem outros. Cada frequentador deixa sua impressão.

Quando entramos na sala de exposição nos tornamos automaticamente público dela, passamos a participar, de alguma forma, de sua estrutura, de seu projeto museográfico, de sua curadoria e, ainda que nem tenhamos olhado para as obras, passamos a fazer parte dela. Há, antes de tudo, uma vontade de confraternização, de ver e ser visto e, claro, de desfrutar das obras artísticas e prestigiar aqueles que as fizeram. A exposição fica enriquecida por um burburinho bom e por impressões que depois ficam como... sussurros.

